

Remo Adaptável



O início do Remo Adaptável no Brasil data de 1980. Nesta época, sob a direção dos Profissionais Celby Rodrigues Vieira dos Santos CREF 000063-G/RJ e Dalva Alves dos Santos Filha CREF 000237-G/RJ, foi desenvolvido no Estádio de Remo da Lagoa, no Rio de Janeiro, o “Projeto Remo Adaptado – uma nova perspectiva para o Deficiente Físico”. Além dos objetivos da Reabilitação e Lazer, o programa também visava à melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento desportivo com busca de talentos para a modalidade e fundamentava suas ações na inserção social e dos benefícios à saúde, sempre observando as individualidades e respeitando as diferenças de gênero, idade, complexão física e interesses.

Entre os que se beneficiaram do programa estavam inicialmente pessoas com lesão medular, pólio e paralisia cerebral. Depois também foram formadas turmas para deficientes auditivos, prioritariamente do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) com o apoio do Prof. Willian Zuniga (Chileno).

Buscando dinamizar o projeto de inclusão através do esporte, foram realizadas ações de pesquisa e criou-se o Departamento de Remo Adaptado na Confederação Brasileira de Remo. Com o apoio da então Secretaria de Esportes da Presidência da República, principalmente nas gestões dos Secretários Arthur Antunes Coimbra (Zico) e Bernard Rajzman, realizaram-se ações conjuntas com o Comitê Olímpico Brasileiro, SADEF, ANDE e diversos Profissionais de Educação Física e Técnicos de Remo.

Projeto Remo Adaptado – uma nova perspectiva para o Deficiente Físico.

Com o impulso, o projeto teve o seu auge na descoberta de talentos até o ano de 1993, possibilitando que o atleta Claudionor recebesse da Federação de Remo do Rio de Janeiro a carteira de remador, efetivando sua apresentação na Lagoa durante uma regata oficial.

“Apesar da falta de apoio e as dificuldades que até hoje perduram, principalmente no campo do acesso para as pessoas com deficiência – transporte, sanitários e acessibilidade ao local – e de material compatível ao seu desenvolvimento, o projeto não foi esquecido. Seus autores, entre eles conhecedores e especialistas em Remo, como Mascarelo, Trombeta, Doneda, Alemão, Celso, Trombetinha, entre outros, dão continuidade à luta para que novos estudos sejam realizados e a modalidade seja mantida e desenvolvida no Brasil”, diz o Prof. Celby Rodrigues, formado em Economia e Educação Física, pós-graduado em Economia, Educação Física, Educação Especial e especialista em Educação e Treinamento Esportivo.

Em 2001, a FISA solicitou formalmente, ao Comitê Paraolímpico Internacional (CPI) a inclusão do Remo nos Jogos Paraolímpicos de 2008. Para tanto, foi exigida a realização de pelo menos dois campeonatos mundiais de remo adaptável até 2005 e a participação de 24 nações em eventos adaptáveis no campeonato mundial de 2004.

O Prof. Celby conta que, já no Campeonato Mundial de Remo de 2002, sete tripulações, de diferentes nações, competiram em eventos de Remo Adaptável. Ainda em 2002, foi assinado o Protocolo de Remo Adaptável de Sevilha, onde a FISA e 36 de suas filiadas – Federações Nacionais, inclusive do Brasil – comprometeram-se a desenvolver oportunidades para que atletas com deficiência possam remar e a inscrever tripulações formadas por atletas com deficiência no Mundial de 2004. Pelo menos mais seis Federações Nacionais assinaram o Protocolo desde aquela data.

Em função do panorama mundial, no mês de julho de 2005, a CBR reativou seu Departamento de Remo Adaptável, reconduzindo ao cargo de Diretores os Profissionais Celby Rodrigues Vieira dos Santos e Dalva Alves dos Santos Filha. Neste ano, o Comitê Paraolímpico Brasileiro assinou convênio de Cooperação Técnica e Financeira com a CBR, o que deu impulso aos resultados do desenvolvimento no Brasil.

“Com a retomada do Departamento e sua organização, foram efetivados Seminários de Remo Adaptável, Cursos de Formação Profissional, Workshop de Classificadores Nacionais e Regionais, Seleções Nacionais, participação em Competições Internacionais, Divulgação da Modalidade e iniciação de um trabalho permanente, sempre garantida à vontade e o interesse dos participantes com deficiência e seus familiares”, explica o Prof. Celby.

O Prof. Celby conta que, já no Campeonato Mundial de Remo de 2002, sete tripulações, de diferentes nações, competiram em eventos de Remo Adaptável.

Convênios foram firmados com o Comitê Paraolímpico Brasileiro, as prefeituras do Rio de Janeiro e de São Paulo, Fundação Lar Escola Francisco de Paula (FUNLAR), Secretaria Municipal de Esportes e Lazer da Prefeitura do Rio de Janeiro, Confederação Brasileira de Desportos de Cegos, Secretaria Especial da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida da Cidade de São Paulo, Fundação Itaú Clube e com a Federação Internacional de Remo. Isto possibilitou a vinda de profissionais da Comissão de Remo Adaptável para o Brasil, como José Nunes (Portugal), Fay Ho (Coréia) Simon Goodey (Grã Bretanha) e Judy Morrinson (USA).



Nomenclatura



O termo “adaptável” é usado porque, no remo o equipamento é que é adaptado ao usuário, para que ele possa praticar o esporte, em vez de o esporte ser adaptado. Isso significa dizer que todas as regras do Remo são aplicáveis ao Remo Adaptável. A FISA introduziu o Remo Adaptável no Campeonato Mundial de 2002, em Sevilha (Espanha), onde 38 atletas com deficiência competiram no single skiff e no four. No Campeonato Mundial de 2003, em Milão (Itália), houve competição em quatro classes de barcos: LTA 4+, TA 2x e A 1x.

Em 2004, no Mundial de Remo Sênior e Campeonatos de Juniores, em Banyoles (Espanha), 66 remadores com deficiência participaram. O Brasil se fez presente e disputou a prova single skiff com o remador Moacir Rauber, de Santa Catarina. Em abril de 2005, o Comitê Paraolímpico Internacional anunciou que o Remo foi incluído no programa dos Jogos Paraolímpicos de 2008, em Beijing, na China.

Com o crescimento principalmente no Brasil do atendimento desportivo das pessoas com de-

ficiência no campo do esporte, vários estudos têm sido feitos mundialmente, voltados à análise das vantagens e desvantagens de cada modalidade esportiva, na tecnologia das embarcações e nas adaptações dos equipamentos, remos, cadeiras e flutuadores. A FISA incluiu a modalidade em definitivo nas competições mundiais, com a participação dos seguintes barcos; SKIFF, DOUBLE SKIFF e QUATRO COM TIMONEIRO.

Em 2007, o Brasil enviou delegação composta de nove atletas ao Mundial de Remo, realizado em Munique, na Alemanha. O empenho, superação, adequação de treinamento, supervisão e correção de procedimentos possibilitaram a vitoriosa campanha, dedicada a todos que, ao longo do percurso, de um modo direto ou indireto, construíram a primeira oportunidade do Remo Brasileiro possuir o surpreendente resultado de duas medalhas de ouro em Mundial e três dos quatro barcos inscritos classificados para as Paraolimpíadas de Pequim em 2008.

Abaixo alguns compromissos e funções da CBR



- Encaminhar à FISA os resultados das experiências brasileiras com o remo adaptado, termo utilizado no Brasil até a inclusão da modalidade na FISA;
- Reativar e dinamizar o departamento de remo adaptado — agora, adaptável;
- Criar e Desenvolver Banco de Dados Nacionais e Internacionais;
- Efetivar Parcerias com Governos e Empresas;
- Formar Classificadores de Remo;
- Definir parâmetros para a formação das equipes do Brasil nos eventos nacionais e internacionais;
- Incrementar a difusão da modalidade entre as pessoas com deficiência;
- Subsidiar pesquisas e fomentar a prática em três níveis: participação, iniciação esportiva e Alto Rendimento;
- Divulgar e democratizar os resultados apoiando as federações e as iniciativas particulares;
- Buscar soluções operacionais que possibilitem ao Brasil sua representação olímpica de remo adaptável;
- Subsidiar os poderes legislativos e executivos com pareceres técnicos para a adoção de medidas que possibilitem o incremento da modalidade. 